

Eliza Brito

ESTILÍSTICA LINGUÍSTICA: a cacofonia como
recurso expressivo da língua.



Eliza Brito

ESTILÍSTICA LÍNGUÍSTICA: a cacofonia como recurso expressivo da língua.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

ARARAQUARA – S.P.
2018

Brito, Eliza

ESTILÍSTICA LÍNGUÍSTICA: a cacofonia como recurso expressivo da língua / Eliza Brito — 2018

32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) —
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade
de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Estilística. 2. Linguística. 3. Fonoestilística. 4. Cacofonia. 5.
cacófato. I. Título.

Eliza Brito

ESTILÍSTICA LÍNGUÍSTICA: a cacofonia como recurso estilístico da língua

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Gladis Massini-Cagliari

Bolsa:

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Carolina Freitas gentil Almeida Cangemi
Pesquisadora - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: Profa. Dra. Gisela Sequini Fávaro
Pesquisadora - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que, apesar de todas as dificuldades, sempre estiveram ao meu lado
em todos os passos do caminho.

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

LISPECTOR (1998, p.21)

RESUMO

A Estilística Linguística pode ser definida como uma disciplina voltada para os fenômenos da linguagem, tendo por objetivo principal o estilo. O fenômeno fonostilístico a ser apresentado e discutido neste trabalho é a cacofonia, que acontece quando sílabas de um vocábulo se juntam às de outro, no momento da pronúncia, causando, muitas vezes, um som desagradável, uma expressão de baixo calão, ou levando à não compreensão da mensagem. O principal objetivo desta pesquisa é mostrar, através da análise de diversos exemplos, em vários gêneros textuais, que o cacófato é mais do que um vício da linguagem, como aparece definido na maioria dos dicionários comuns, podendo ser usado como traço estilístico, de forma intencional, a fim de produzir humor, ou ambiguidade. O projeto se consistiu na análise do fenômeno da cacofonia como um meio expressivo em potencial da língua e não como um vício - erro da linguagem. Para isso, são analisados os processos fonético-fonológicos que levam aos acontecimentos desta variação na pronúncia de frases. O *corpus* do trabalho apresenta diversidade de gêneros textuais - os exemplos foram retirados em sua grande maioria da internet, através de uma extensa pesquisa. A partir da análise dos dados, foi possível notar a cacofonia como um recurso muito presente em diversos tipos de textos, com uso intencional, porém seu estudo como um recurso estilístico da linguagem é uma perspectiva muito pouco explorada, e a maior parte do conteúdo teórico encontrado é pouco desenvolvido e na maioria das vezes trata a cacofonia, equivocadamente, como um erro da língua, desconsiderando seu aspecto estilístico. Por isso, a importância de seu estudo e análise de seu uso, desmistificando-se esse recurso como um erro e possibilitando uma análise mais profunda dos motivos que levam a seu uso e da intencionalidade proposta pelos sujeitos que o utilizam, podendo-se também explorar os contextos nos quais esse traço aparece e sua significação.

Palavras – chave: Estilística. Linguística. Cacofonia. Cacófato. Fonostilística.

ABSTRACT

Linguistic Stylistics can be defined as a discipline focused on the phenomena of language, with the main purpose of style. The phonostylistic phenomenon to be presented and discussed in this work is the cacophony, which happens when syllables of one word are joined to another in the moment of pronunciation, often causing unpleasant sound, a bawdry term, or leading to no understanding of the message. The main objective of this research is to show, through the analysis of several examples, in various textual genres, that the production of cacophony is more than a vice of the language, as it appears in most common dictionaries, being possible to use it as a stylistic trait, intentionally, in order to produce humor, or ambiguity. The project consisted in the analysis of the phenomenon of cacophony as a potential expressive means of the language and not as a vice - error of the language. For this, the phonetic-phonological processes that lead to the events of this variation in the pronunciation of phrases are analyzed. The corpus of the work presents a diversity of textual genres - the examples were taken, in its vast majority, of the internet, through extensive research. From the analysis of the data, it was possible to note that the cacophony is a resource very much present in various types of texts, with intentional use. However, its study as a stylistic resource of the language is a very little explored perspective, and most of the theoretical content found is undeveloped and most often treats cacophony, mistakenly, as a language error, disregarding its stylistic aspect. Therefore, the importance of its study and the analysis of its use, demystifying this resource as an error and allowing a deeper analysis of the reasons that lead to its use and the intentionality proposed by the individuals that use it, allowing the contexts in which this trait appears and its meaning to be explored.

Keywords: Stylistics. Linguistics. Cacophony. Phonostylistic

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exemplos de outros tipos de recursos fonostilísticos.	15
Figura 2	Outro exemplo de recurso fonostilístico.	15
Figura 3	Exemplo de aliteração.	16
Figura 4	Pomada para assaduras da marca Hipoglós.	27
Figura 5	Dicionário Aurélio atualizado com a nova gramática da língua portuguesa.	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Análise de músicas	17
2.1.1 Ruela do Eno	18
2.1.2 Fogão Dako	19
2.1.3 Quem quer verdura	20
2.1.4 No cume	21
2.1.5 O gato Tico	22
2.2 Análise de nomes	23
2.2.1 Aron Bado	23
2.2.2 Beijamin Arrola	24
2.2.3 Botelho Kunavara	24
2.2.4 H. Romeu Pinto	25
2.2.5 Davi Agra	25
2.2.6 Diva Aginaberta	25
2.2.7 Eva Dias	26
2.2.8 Jalin Habey	26
2.2.9 Peri Kitho	26
2.2.10 Tati Komenno	26
2.3 A viabilidade do cacófato como fim estilístico na publicidade	26
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
REFERÊNCIAS <i>CORPUS</i>	32

1 INTRODUÇÃO

A Estilística Linguística, segundo Martins (2000), pode ser definida como uma disciplina voltada para os fenômenos da linguagem, tendo por objetivo principal o estilo. Aqui encontra-se uma grande problemática, a definição de estilo, que pode ser, dependendo do viés teórico, baseada em diferentes critérios variando com os diversos usos da língua. Na literatura, por exemplo, alguns ainda relacionam o estilo como algo dependente do autor, ou da obra, ou ainda do leitor; outros se atêm ao enunciado em si e outros a totalidade do pensamento.

Para a proposta desta monografia, que será apresentada, optou-se por escolher a definição primordial da disciplina, proposta por Charles Bally, que, segundo Martins (2000) em *Introdução à estilística*, é de se ocupar da descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, separando seus estudos dos estudos literários. Essa definição é de crucial importância para a problemática que aqui será exposta e aprofundada, pois dentro dos estudos linguístico-estilísticos há uma grande lacuna sobre a teorização e análise deste tópico.

A problemática apresentada é a do fenômeno da cacofonia, que é, em seu modo mais abrangente, definida como um vício de linguagem, algo “cometido” pelo falante por “descuido” ou “desconhecimento” gramatical da linguagem, como se pode observar nas definições retiradas dos dicionários Houaiss e Aulete.

Cacofonia sf. (1712) **1** qualidade do que soa desagradavelmente **2** som feio ou desagradável; união não harmônica de sons diversos **3** GRAM pronúncia feia ou incorreta de palavras, formando cacófato **4** GRAM repetição de sons (fonemas ou sílabas) considerada desagradável ao ouvido **4.1** m.q. CACÓFATO **5** MÚS conjunto de vozes ou sons musicais dissonantes ou que não estão afinados entre si ETIM gr. *kakophōnia*, as 'voz ou som desagradável', sob influxo do fr. *cacophonie* 'id'. HOM *cacofonia* (fl. cacofoniar). (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.355)

cacofonia

(ca.co.fo.ni.a)

Verbetes atualizado

sf.

1. Gram. Modo de falar ou de combinar sons, ger. da fala, com efeito desagradável.

2. Cacófato

3. P.ext. Conjunto de sons desagradáveis: "...berrava-se em meio a uma cacofonia infernal de descargas, chiados, apitos, assovios..." (João Ubaldo Ribeiro, *O conselheiro come*.)

[F.: Do gr. *kakophōnia*, as.]

Verbetes original

s. f. || (gram.) vício de locução que consiste no mau som resultante de duas palavras ou de sílabas ou letras de diferentes palavras, como em alma minha e mas não; dissonância. F. gr. Kakophonia (de kakos, desagradável+ phone, som+ia)

(AULETE; VALENTE, 2018)

É interessante pontuar que o dicionário digital Aulete expõe uma definição atualizada desmistificando o valor pejorativo da figura, já que apresenta o recurso em sua definição original como uma figura de linguagem passível de uso em função estilística, como é possível observar nas citações acima retiradas do dicionário.

No dicionário de Linguística a função estética do termo não fica explícita, assim como seu valor como vício de linguagem; em suma, só é descrito o processo que leva à cacofonia, mas não seu uso, na maioria dos casos.

cacofonia

Dá-se o nome de *cacofonia* a uma repetição de sons (fonemas ou sílabas) desagradável ao ouvido. Pode-se citar como exemplo esse verso de VOLTAIRE: *Non, il n' est rien que Nanine n' honore*, "Não, nada há que Nanine não honre".

Cacofonia, literalmente "mal soído", é termo genérico. São cacofonias a aliteração*, a colisão*, o eco*, e o hiato*. (DUBOIS et al., 1997)

Tringali (1988), em *Introdução à Retórica*, define a cacofonia da forma mais aproximada a que se sugere neste trabalho, em um capítulo no qual se dá conta de diversas figuras da linguagem, relacionando-as com a retórica – assunto primordial do livro, talvez, por isso a definição tão breve do termo.

CACOFONIA – quer dizer som desagradável, opõe-se a *eufonia* e resulta do resultado do encontro de sons malsoantes que formam ou não uma palavra inconveniente. "*Ela tinha...*" "*pouca fé*". Nem sempre se evita, tanto pode ser um vício como uma virtude de estilo. (TRINGALI, 1988, p, 126)

Apesar de a definição mais comum de cacofonia ser a de vício da linguagem, sua ocorrência vem se disseminando no mundo virtual e publicitário há algum tempo, sendo utilizado de forma consciente, como um fim estilístico, seja como causa de humor, ambiguidade.

O fenômeno fonoestilístico cacofonia acontece quando sílabas de um vocábulo se juntam às de outro, no momento da pronúncia, causando, muitas vezes, um som desagradável, uma expressão de baixo calão, ou levando à não distinção da mensagem, como no exemplo a seguir:

“Desculpa então!” → Pode ser lido como “Desculp’ **intão!**” → “Pintão”

A ideia desta monografia é analisar o fenômeno da cacofonia como um meio expressivo em potencial da língua e não como um vício, “erro” de linguagem. Para isso, analisar-se-ão os processos fonético-fonológicos que levam ao acontecimento desta variação na tonicidade frasal. Também será analisado o reestabelecimento de sentido que ocorre durante o processo de cacofonia, pois, para que o processo ocorra, precisa haver uma multiplicidade de sentidos presentes no enunciado analisado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização das análises, utilizaram-se como fundamentação teórica as obras de Martins (2000) e Possenti (1998). Martins (2000), *Introdução à Estilística*, busca conceituar e explorar o significado de estilística, a partir da discussão do que seria estilo para essa vertente da linguística, após a exposição de várias definições expressas por diferentes teóricos. Martins (2000), termina seu pensamento sobre a definição de estilo com a seguinte ponderação feita por Mounin (1970)

[o estilo] É um fenômeno humano de grande complexidade. É a resultante linguística de uma conjunção de fatores múltiplos [...]. Se algum dia se chegar a atribuir ao estilo uma fórmula, há-de ser uma fórmula extremamente complexa. Todas as reduções lapidárias da definição do estilo só podem ser e permanecer como empobrecimentos unilaterais. Não damos ainda por findas as nossas tentativas para compreender o porquê do efeito que certas obras têm sobre nós. Nesta encruzilhada onde talvez compreendamos por que é que certo poema nos envolve e nos possui e nos toca de determinada maneira, tem que haver uma convergência de causas linguísticas formais, mas também de causas psicológicas, psicanalíticas, históricas, sociológicas, literárias, etc. E será indubitavelmente o conjunto que poderá dar conta dessa coisa ainda muito misteriosa que é a função poética: por que é que certas mensagens produzem em nós efeitos incomensuráveis com os de todas as outras espécies de mensagem que quotidianamente recebemos. (MOUNIN, 1970, p. 158-9)

Apesar de tantas definições já presentes na literatura especializada, ainda não se tem uma definição ideal para o termo “estilo”, devido à sua grande complexidade; provavelmente, nunca se chegará a esta definição ideal, que possa abranger tudo que o termo “estilo” significa, para diferentes teóricos e diferentes áreas.

Dentro da linguística e, principalmente, da crítica literária, é muito comum haver essa inexatidão terminológica em certas áreas, devido à subjetividade, complexidade e individualidade envolvida nos objetos estudados; dentro da estilística isso não se mostra diferente. A problemática dentro deste campo da linguística já se inicia em seu aparecimento, em meados XX, pois a estilística era, e ainda é, vista como muito ligada aos estudos literários, dos quais luta para se desvincular desde sua criação, para ser uma disciplina independente, que estuda as funções da linguagem, os fatos de sua expressão, buscando atingir o estatuto de ciência, para

[...] explicar os usos da linguagem que ultrapassam a função puramente denotativa, com maior exatidão e sem o propósito normativo que caracterizou a retórica. Contudo, não se logrou ainda um método rigoroso que assegure

sua condição de ciência e o seu objeto não está satisfatoriamente delimitado. (MARTINS, 2000, p.22)

Embora a estilística não possua seu objeto de estudo satisfatoriamente delimitado, hoje ela é subdividida em vários campos de estudo. Martins (2000) divide em cinco campos: a estilística léxica ou da palavra; a estilística da sintaxe ou da frase; a morfológica; a estilística da enunciação e, por fim, a estilística fônica ou do som, a qual foi utilizada neste trabalho.

A fonoestilística – como também é chamada – estuda os valores sonoros expressos em palavras e enunciados, que podem ser percebidos e observados nos mais diferentes discursos e línguas. Fazem parte dos estudos da estilística do som: o acento, a entoação, o ritmo, a altura, que são de imensurável importância para as funções poética e emotiva; além disso,

Os sons da língua – como outros sons dos seres - podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagradado e ainda sugerir idéias, impressões. O modo como o locutor profere as palavras da língua pode também denunciar estados de espírito ou traços de sua personalidade. (MARTINS, 2000, p.26)

É imprescindível elucidar que a atribuição do som ou de qualquer outro aspecto fonológico é dependente de contexto, que as ideias que surgem sobre a interpretação de um enunciado, som, transcrição só são possíveis se correspondentes à sua significação. No caso da cacofonia, isso não se mostra diferente: por definição a cacofonia é a produção sonora, ou encontro de sílabas de um vocábulo que acabam por produzir um som “desagradável”. No entanto, o conceito de “desagradável” é algo muito abrangente e subjetivo, e que pode ser interpretado de diferentes formas por diferentes teóricos. Tringali (1988), por exemplo, considera que outras figuras de linguagem, como o eco e a aliteração, se enquadrariam na definição de cacofonia. Nas definições do dicionário Michaelis (2018) ¹, também é possível encontrar essa definição proposta por Tringali (1988); além dessa o dicionário traz, como definição, a

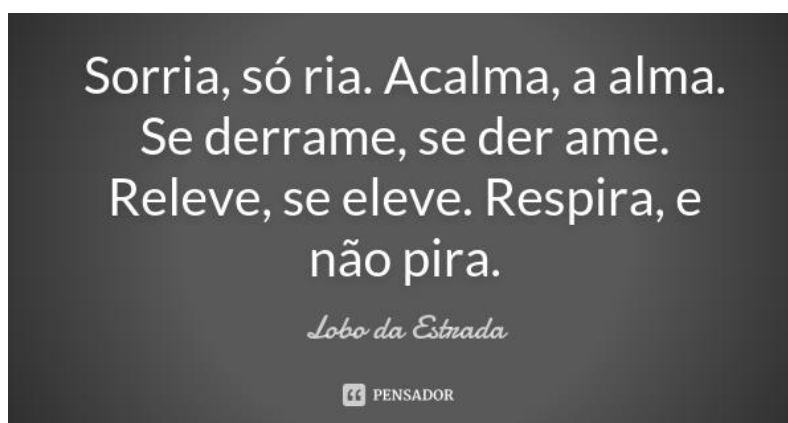
¹ [...] 4 GRAM Qualquer efeito sonoro desagradável, gerado por uma seleção de sílabas ou fonemas, que resulta em repetição, eco, colisão, aliteração etc. [...]

Fonte: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cacofonia/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ocorrência mais tradicional do termo, que vê a produção do cacófato como um erro gramatical.

Para a produção deste trabalho, considerou-se necessária a delimitação do sentido de “som desagradável”, pois a amplitude desta significação possibilita a mistura de cacofonia com outras figuras de linguagem, nas quais não se têm a intenção de se aprofundar neste estudo, como a aliteração, o eco (figuras de recorrência de sons), que podem ser observados nestes exemplos:

Figura 1. Exemplos de outros tipos de recursos fonostilísticos.



Fonte: <<https://www.pensador.com/frase/MTczOTY3OA/>>. Acesso em: 27 out. 2018.

Figura 2. Outro exemplo de recurso fonostilístico.)



Fonte: <<https://www.tumblr.com/search/atua%20ou%20mente>> Acesso em: 25 set. 2018

Figura 3. Exemplo de aliteração.

beba coca cola
 babe cola
 beba coca
 babe cola caco
 caco
 cola
 cloaca

Fonte: Décio Pignatari, 1957. <<http://anarusche.com/decio/>> Acesso em: 15 out. 2018.

Nas imagens apresentadas, é possível notar a presença de recorrência de sons. Na **figura 1**, tem-se a recorrência a partir da repetição de alguma parte do vocábulo apresentado, em primeiro lugar. Em seguida, seu fragmento é utilizado na formação de novos vocábulos com uma nova significação. Pode-se enquadrar este uso dentro do fenômeno do eco. Na **figura 2**, o uso estilístico que se faz da língua é muito parecido com o que acontece na figura 1; o que se pode destacar aqui de interessante é que, a partir de um único vocábulo, o autor consegue produzir três diferentes significações, fragmentando a palavra com a qual iniciou a sentença, para levar o leitor a um questionamento filosófico. Na **figura 3**, encontra-se um exemplo de aliteração, que nada mais é do que a repetição de consoantes dentro de um texto, que normalmente acontecem no início de uma palavra.

Por isso, delimitou-se a definição de cacofonia a vocábulos, ou enunciados que causassem:

[...] som desagradável, impróprio ou com sentido equivoco, produzido pela união dos sons de duas ou mais palavras vizinhas. **1.1** palavra ou expressão obscena, ridícula ou fora de contexto, formada pela sílaba final de uma palavra e pela inicial da seguinte [...] (HOUAISS, 2009, p.355)

palavra e que tivessem em comum sua temática, que no caso foi a conotação sexual, por se mostrar algo tão comum nos casos de cacofonia, possivelmente, por provocarem desconforto aos ouvidos de muitos e por seu caráter obsceno.

Como apontado previamente, o principal objetivo deste trabalho de conclusão de curso é mostrar, através da análise de diversos exemplos, em vários gêneros textuais, que o cacófato é mais do que um vício da linguagem, como aparece definido na maioria dos dicionários comuns, podendo ser usado como traço estilístico, de forma intencional, a fim de produzir humor, ou ambiguidade. A intenção ao se escolher mais de um gênero textual na realização deste trabalho foi explicar as diversas possibilidades de usos estilísticos do cacófato. Os exemplos que compõem o *corpus* deste trabalho foram retirados em sua grande maioria da internet, através de uma extensa pesquisa, sendo composto por letras de músicas, nomes próprios, frases e propagandas publicitárias.

O estudo da cacofonia como recurso estilístico da linguagem é uma perspectiva muito pouco explorada, e a maior parte do conteúdo teórico encontrado é pouco desenvolvido, assim como as análises de exemplos existentes, que são superficiais ou não reconhecem a cacofonia como um recurso e acabam por encaixar seus exemplos em outros recursos estilísticos da língua. Por isso, para a realização das análises deste *corpus*, procurou-se um embasamento teórico de análises estilísticas, que não analisassem necessariamente exemplos de cacofonia, mas enunciados da língua presentes no cotidiano e que fizessem o uso de diferentes recursos linguísticos.

Em *Introdução à Estilística*, Martins (2000) dispõe de um vasto número de exemplos e análises, de forma didática e aprofundada. Possenti (1998), em *Os Humores da Língua*, apresenta uma vasta análise de piadas, dos mais diversos tipos e origens, analisando-as do ponto de vista, exclusivamente, linguístico, tentando explicar como a piada leva o leitor ou ouvinte a rir e não o porquê – como são guiados, normalmente, os estudos sobre humor. A partir da leitura dos teóricos, principiou-se a análise dos exemplos coletados, partindo-se da contextualização do enunciado e posteriormente a análise fônica do trecho no qual se encontra o cacófato.

2.1 Análise de músicas

O primeiro tipo de texto que se optou por analisar são as letras de músicas, pois foi nesse gênero que se encontrou a presença da cacofonia de forma abundante e singular. A partir disso, foi possível recolher um grande número de letras de músicas brasileiras, de diferentes gêneros musicais, nas quais a cacofonia foi utilizada. Aqui

encontram-se as análises dos exemplos que se mostraram mais expressivos e interessantes para discussão.

2.1.1 Ruela do Eno

O Eno é meu amigo e companheiro,
O Eno é um cara especial,
Coleciona ruelas prateadas
Tem uma coleção sensacional.
Uma noite o Eno foi no forró,
Dançou demais e acabou perdendo,
Uma ruela que pra ele vale ouro
Tá procurando, tá chorando, tá sofrendo!

Refrão

Quem tá com a ruela do Eno? (3x)
Não adianta disfarçar
Nem ficar escondendo!
Quem tá com a ruela do Eno? (3x)
Não adianta esconder
Que eu vou ficar sabendo!

Subi no palco e falei o acontecido
Ninguém deu bola, ninguém quis me ajudar.
Mas quem estava com a ruela do Eno
Dava pra ver quando ia dançar!
Procurei no forró a noite inteira
Saí de lá tava quase amanhecendo.
O meu amigo vai dar uma recompensa
Vamos pegar quem tá com a ruela do Eno!

Na confusão então chamaram a polícia
Que já chegou descendo o pau e batendo.
Eu só sei que apanhou
Até quem não tava com a ruela do Eno!
Mas no tumulto eu estava de olho
Saiu um cara que até hoje tá correndo,
E a polícia tá na cola, tá achando
Que esse sujeito tá com a ruela do Eno!
(TEODORO E SAMPAIO)

Nesta canção sertaneja, composta por Teodoro e Sampaio, é contada a história de um homem chamado Eno, que colecionava ruelas prateadas, e perdeu uma delas em uma noite de forró, e se encontra desesperado à procura da ruela. Seu amigo, a fim de ajudá-lo, sai em busca da tal ruela, perguntando as pessoas *Quem tá com a ruela do Eno?*

É exatamente nesse verso *Quem tá com a ruela do Eno?*, que a cacofonia acontece: o verso é repetido diversas vezes ao longo da canção e nele é possível notar a

construção de um cacófato, na união da preposição *do* ao nome próprio *Eno*, que juntos passam a formar a palavra *doeno* (doendo) e trazem uma ambiguidade a palavra “ruela”, ressignificando-a completamente, pois ela passa a se referir ao substantivo masculino “ânus”, já que, culturalmente, em alguns lugares do Brasil, *ruela* é usada para algo além do que designar anéis de prata, é o nome utilizado para nomear pejorativamente uma parte do corpo humano – o ânus.

Na música, ao pronunciar “do Eno” sugerindo o sentido de “doendo”, o único significado possível, que produz sentido para a palavra *ruela*, é o que remete ao sentido de ânus. Tal explicação relaciona-se diretamente ao processo de variação da língua portuguesa, mais especificamente ao fenômeno de eliminação (apagamento, queda), que, segundo Cagliari (2007), ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema.

É exatamente o que acontece em /doeno/, vocábulo no qual a oclusiva /d/ é suprimida, ao ser antecedida pela nasal /n/. A queda da oclusiva /d/ diante de uma nasal é muito comum em algumas variantes do português, geralmente, nas mais estigmatizadas, em que palavras como “doendo”, “correndo”, “fazendo”, tendem a sofrer essa perda.

2.1.2 Fogão Dako

Entrei numa loja, estava em liquidação.
Queima de estoque, fogão na promoção.
Escolhi da marca dako porque dako é bom!

Dako é bom!
Dako é bom!
Calma minha gente, é só a marca do fogão!! (2x)
Calma minha gente, é só a marca do fogão!!
Dako é bom!

Entrei numa loja, estava em liquidação.
Queima de estoque, fogão na promoção.
Escolhi da marca dako porque dako é bom!

Dako é bom!
Dako é bom!
Calma minha gente, é só a marca do fogão!! (2x)
Calma minha gente, é só a marca do fogão!!
Dako é bom!
Calma minha gente, é só a marca do fogão!!
Calma minha gente, é só a marca do fogão!!
(TATI QUEBRA BARRACO)

Na música *Fogão Dako*, da funkeira Tati Quebra Barraco, observa-se a presença de outro caso de cacofonia, aparentemente intencional, que produz, além de um incômodo, um sentido subliminar e de baixo calão na letra da música; na passagem em que a cacofonia acontece que é “dako éh bom”, sendo um trecho bem recorrente durante a canção.

Pelo contexto da letra da música e pela pronúncia da cantora na frase “Dako éh bom”, pode-se entender que a cantora está se referindo não à marca de fogão, como alega, mas sim à ação de sexo anal, já que a leitura rápida da frase em questão, como acontece na música, transforma o enunciado “Dako éh bom” em “Dá cu é bom”, que pode ser interpretado como “dar cu é bom”.

Tal fenômeno acontece, pois a pronúncia da letra O em final de sílaba pode ser realizada como o fonema /u/, e a palavra “Dako”, marca de fogão, passa a ser pronunciada como [u] em sua sílaba final. A palavra “Dako”, também, remete aos termos *dá*, de *dar*, e “ko” → [ku] (ânus), por isso causa este significado vulgar.

2.1.3 Quem quer verdura

Eu dou um duro de segunda a sexta feira
 Deixo verdura na feira e atendo no varejão
 Chega domingo eu armo a barraquinha
 E Quem quiser verdura minha é só chegar a por a mão
 Quem é que quer verdura
 Se quiser pode falar
 Você deu uma risadinha
 Você quer verdura minha
 E tá sem jeito de pegar
 Tem empregada puxa saco da patroa
 Gosta de verdura boa e não importa de gastar
 Mas o patrão que é muito exigente
 Quer verdura da gente, mas não gosta de pagar
 Tem a freguesa que não tem educação
 Quer verdura na mão, tem mania de apertar
 Amassa o pepino e aperta meu tomate
 Cenourão e abacate e costuma não levar
 Vender cará eu já tentei, mas não consigo
 A mandioca é um perigo, não é fácil oferecer
 Chá de picão, pau barbado e vergateza
 Só confio na freguesa, mas eu tenho que vender
 (FELIPE E FALCÃO)

Essa música sertaneja, do ano de 2016, de Felipe e Falcão, é particularmente interessante, por apresentar uma subliminaridade muito sutil e ao mesmo tempo uma

indecência incômoda, quando o leitor se atenta ao lado imoral que a letra possui. A música começa com uma pessoa descrevendo seu trabalho de vendedor de verduras em vários lugares, descreve seus clientes e suas peculiaridades, alguns reclamam do preço, outros querem apalpar o produto, alguns mexem nos legumes, mas se recusam a pagar pelo produto. Logo, é possível encontrar o duplo sentido no verso *E Quem quiser verdura minha é só chegar a por a mão*, se for lido como E Quem quiser verdura minha é só chegar a por a mão – assim a música é cantada, perde-se aqui a ideia de um feirante que vende verduras, e qualquer possível inocência da música e fica a sugestão que seria outra coisa que o comprador gostaria de ver dura.

Nela, a cacofonia acontece na inclusão de uma pausa na pronúncia da palavra *verdura*, que passa a ser dois vocábulos separados, de significações distintas, [ver] e [dura], que, no contexto apresentado na canção - uma feira, cheia de verduras e legumes arredondados e roliços, com freguesas que insistem em tocar nesses “legumes” - induz o ouvinte/leitor a ter a percepção de que essas freguesas estão em busca de outro produto, principalmente, pelo penúltimo e pelo antepenúltimo versos da canção “A mandioca é um perigo, não é fácil oferecer/ Chá de picão, pau barbado e vergateza”, que notoriamente remetem a adjetivos que são facilmente associados ao órgão sexual masculino, assim como o próprio cacófato formado no título da canção *Quem quer ver dura?* - Quer ver o que dura? A resposta, pelo que pôde ser visto na música, é obviamente, um pênis.

2.1.4 No cume

No alto daquele Cume
 Plantei uma roseira
 O vento no Cume bate
 A rosa no Cume cheira
 Quando vem a chuva fina
 Salpicos no Cume caem
 Formigas no Cume entram
 Abelhas do Cume saem
 Quando cai a Chuva grossa
 A água do Cume desce
 O barro do Cume escorre
 o mato no Cume cresce
 Então quando cessa a chuva
 No Cume volta a alegria
 Pois torna a brilhar de novo

O sol que no Cume ardia
(FALCÃO)

A canção *No cume*, do cantor Falcão, apresenta uma cacofonia com a palavra *cume*, que em um primeiro momento, no primeiro verso da música, aparece em seu significado usual ². A palavra *cume* aparece em quase todos os outros versos da música, mas agora com outro significado, o de /ku/ (ânus) e /me/ (pronome pessoal oblíquo átono da primeira pessoa do singular), e assim, durante toda a música, o cantor vai relatando fatos que lhe acontecem, como, por exemplo, o vento, que “no cu me bate”; a água, que “no cu me desce”; o barro, que “no cu me escorre”; a alegria, que “no cu me volta”.

2.1.5 O gato Tico

Tico-Tico é um gato
Que a Maria quer bem
Não dá, não troca, não vende
E não empresta a ninguém
O tico tem um defeito
Que nem dá pra consertar
O defeito do tico
É danado pra miar

Tico mia na sala, Tico mia no chão
Tico mia na cozinha, encostado no fogão
Tico mia no tapete, Tico mia no sofá
Tico mia no quarto, toda hora sem parar

Tico mia no colo, Tico mia na mão
Tico mia sentado, em frente à televisão
Tico mia no almoço, Tico mia no jantar
E a noite inteira, tico mia sem parar

Tico mia na mesa, Tico mia na rede
Tico mia no banheiro, Tico mia na parede
Tico mia no tapete, Tico mia no sofá
Tico mia no quarto, toda hora sem parar
(GENIVAL LACERDA)

² “Parte mais elevada, alta de; cimo, topo: o cume da montanha” (Dicionário online do português - <<https://www.dicio.com.br/cume/>> Acesso em: 30 de maio de 2018) .

A canção *O gato Tico*, composta por João Caetano e Manhoso e interpretada por Genival Lacerda, parece, à primeira vista, contar a história de um animal de estimação muito querido por sua dona, um gato chamado Tico, que possui um único defeito, Tico mia demais. Nessa mesma frase é produzido o cacófato encontrado nesta composição, em “Tico mia”, na verdade tem-se a pronúncia de /ti/ /komia/, na qual “ti” exerce o papel do pronome oblíquo átono da segunda pessoa do singular “te” e o rearranjo entre as sílabas “co-mia” forma a primeira pessoa do pretérito imperfeito do verbo *comer*.

A mudança na pronúncia e a reinterpretção em termos de segmentação lexical causam uma ressignificação ao conteúdo da canção, que agora não aparenta mais se referir ao gato tão estimado por sua dona, mas sim a um ato sexual.

Em 2.1.4 e 2.1.5 acontecem processos muito similares para a obtenção dos cacófatos: ambos os exemplos se utilizam de um pronome oblíquo átono, o primeiro antecedido de um substantivo masculino e o segundo seguido de um verbo. É interessante observar que a construção do cacófato se deu pela união, tanto do substantivo, quanto do verbo ao pronome.

2.2 Análise de nomes

Nesta subseção tem-se a análise de nomes próprios³, subentende-se que o duplo sentido encontrado nos nomes foi criado de forma proposital. Por isso, são exemplos do uso da cacofonia, aqui com um fim jocoso, de causar constrangimento a quem profere o nome e divertimento a quem ouve – não necessariamente esses objetivos serão atingidos; deve-se levar em conta o público a quem esse discurso é proferido e se sua interpretação será feita da maneira esperada pelo interlocutor.

2.2.1 Aron Bado: Neste primeiro exemplo, temos o nome “Aron Bado”, que não é um nome tradicionalmente brasileiro, mas é um nome próprio que existe. Sua pronúncia foi transcrita da seguinte forma, considerando que o nome teria origem no inglês americano: /æɹɔn/ /bado/, a intenção do falante na construção do cacófato é

³ Fonte: <<https://cestosemtido.blogspot.com/p/nomes-de-duplo-sentido.html>> Acesso em: 25 de agosto de 2018.

produzir o nome “arrombado”, para isso é necessário juntar ambos os nomes e pronunciá-los de forma tradicionalmente brasileira, como transcrito a seguir: /axombado/.

A cacofonia é formada pela mudança na pronúncia do “r”, que deixa de ser uma aproximante alveolar /j/ e é pronunciada como uma rótica /x/, e pela união da nasal /n/ com a oclusiva /b/, que originalmente pertenciam a vocábulos diferentes, formando assim uma única palavra, com um sentido e significados indecorosos.

2.2.2 Beijamin Arrola: Em “Beijamin Arrola”, têm-se um nome próprio de origem hebraica, que possui algumas variações utilizadas em português brasileiro, e no uso de sobrenome, algo que pode ser entendido como uma flexão do verbo “arrolar”. A combinação destes dois nomes se faz a fim de formar a seguinte cacofonia: “Beija minha rola”, transcrita como /beizã/ /mijã/ /hola/, a cacofonia é resultado de uma pronúncia deste nome na qual /beizamin/ passa a ser /beizã/ e sua sílaba final é unida à primeira vogal de “Arrola”, a partir de um processo de sândi⁴, formando /mijã/, e, por fim, tem-se /hola/, gerando a indecente ofensa muito popular em algumas variantes do português brasileiro “beija minha rola”.

2.2.3 Botelho Kunavara: Em “Botelho Kunavara”, tem-se a percepção que se forma uma cacofonia já ao se ler o nome, pois há uma obscenidade que pode ser percebida antes mesmo da formação do cacófono. A frase formada é “Botei-lhe o cu na vara”, foi transcrita da seguinte maneira: /botei/ /le/ /o/ /ku/ /na/ /vara/. Sua formação se dá a partir da separação da última sílaba da palavra “Botelho”, reinterpretada como a sequência dos pronomes oblíquos *lhe + o*, formando “botei” e “lho”. “Bote” sofrerá um processo de epêntese, recebendo uma vogal final “i”, realizando uma ditongação comum em sílabas tônicas em algumas variedades, como

⁴ Processo de sândi: O sândi é um fenômeno que ocorre nas fronteiras de palavras (juntura intervocabular). Consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela formação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons. (CAGLIARI, 2002, p.105)

processo de reforço. Em “lho”, pode-se considerar que houve um processo de elisão na realização dos pronomes “lhe” e “o”; já em “Kunavara” observa-se a separação da palavra em três partes: “ku” “na” “vara” - que serão separadas pela pronúncia do falante -destas duas sendo monossilábicas e a última dissilábica.

2.2.4 H. Romeu Pinto: Há um caso particularmente interessante no qual a cacofonia é formada, em grande parte, pela letra inicial “h” – que não possui som, ou seja, não tem valor fonético em início de palavra. No entanto, neste caso se considerou o valor sonoro do nome da letra “h” individualmente como sendo /aga/, que é o som que se tem com a leitura da sentença que gera a cacofonia. O caso a ser apresentado neste tópico é “H. Romeu Pinto”, transcrito como: /agaha/ /o/ /meu/ /pinto/, em que o cacófono se forma a partir do som /aga/ vindo de “h”, unido a /ha/ originando /agaha/ /o/ e posteriormente /meu/ que é a sobra de “Romeu” e /pinto/, que permanece em sua forma original.

2.2.5 Davi Agra: No caso de “Davi Agra”, novamente, se vê um nome próprio de origem hebraica, muito utilizado em língua portuguesa “Davi”, utilizado juntamente com “Agra” também um nome próprio de uma cidade indiana (não se sabe se esse uso foi intencional ou não). Intenta-se aqui, a partir da combinação dessas duas palavras, formar o dizer “dá viagra”. Isso é possível graças à separação de “Davi” em /da/ e /vi/, /vi/ posteriormente se juntará a “Agra” formando [viagra].

2.2.6 Diva Aginaberta: Dispõe-se de um caso que faz uso de um substantivo feminino, usado para nomear deusas na antiguidade, mas que hoje já serve como nome próprio “Diva” e uma palavra criada para fins estilísticos “Aginaberta”. A pronúncia dessas duas palavras deverá produzir o sentido sonoro de: /di/ /vazina/ /aberta/, onde “diva” teve suas sílabas separadas em duas, sendo a segunda acoplada a “Aginaberta”, que por sua vez foi dividida em “vagina” e “aberta”, produzindo assim uma cacofonia.

2.2.7 Eva Dias: Aqui há um caso bem simples de cacofonia, no qual os nomes “Eva Dias” intencional a formar o som de /ε/ /vadias/, isso acontecerá a partir da separação de “Eva” em /ε/ e /va/, onde “va” irá se juntar, posteriormente, a Dias, formando o insulto “vadia”, essência deste cacófato

2.2.8 Jalin Habey: Neste exemplo, a formação do cacófato acontecerá a partir deste nome e sobrenome, aparentemente, criados para esse propósito “Jalin Habey”, transcrito como /ʒaliN/ /habei/. A cacofonia é produzida pela pronúncia deste excerto da seguinte forma: /ʒa/ /ʎe/ /eNhabei/, onde “Jalin” teve sua primeira sílaba separada, /ʎ/ foi pronunciada como uma palatal lateral vozeada, seguida da vogal /e/ /ʎe/; “in” foi aglutinado a “Habey” tornando-se /eNhabei/

2.2.9 Peri Kitho: Em “Peri Kitho” o cacófato está bem visível, sua formação se dará pela união das suas palavras na pronúncia, gerando o vocábulo “periquito” /perikito/, que pode se referir ao órgão sexual masculino, por isso considerado um significado incômodo, até mesmo obsceno, dependendo de seu emprego.

2.2.10 Tati Komenno: Neste último caso, tem-se “Tati Komenno” em que a cacofonia produzida é “está te comendo”, ou ainda “tá te comeno”, transcrito como: /ta/ /ti/ /komeno/, que pode ser considerado a alternativa mais próxima a fala informal, já que em algumas variantes e níveis de informalidade é muito comum a abreviação do verbo “está” em “tá” – tanto na escrita, quanto na fala; o verbo “comeno”, e outros, costumam ter sua oclusiva apagada quando posteriores a nasal /N/. O processo de formação do cacófato se deu através da separação de “Tati” em “ta” e “ti”, enquanto “komenno” teve sua forma original mantida.

2.3 A viabilidade do cacófato como fim estilístico na publicidade

Neste capítulo optou-se por analisar duas paródias de anúncios publicitários, que fazem o uso da cacofonia de uma forma mais amena e não tão vulgar, como os exemplos até aqui analisados. Nestes exemplos, é possível notar o uso estilístico do

recurso, não somente a fim de provocar humor, ambiguidade, desconforto ou ironia, mas mostrando que a cacofonia pode ser utilizada para fins comerciais, mostrando mais uma vez a versatilidade da língua, e como seu domínio pode levar a diferentes resultados. É interessante deixar claro que, em ambos os exemplos, a cacofonia é estabelecida a partir de ambiguidades.

Figura 4. Pomada para assaduras da marca Hipoglös



Fonte: < <http://semtoquices.blogspot.com/2008/07/gosta-de-pacu-simo-pessoal-da-hipoglos.html> >
Acesso em: 25 out. 2018.

Figura 5. Dicionário Aurélio atualizado com a nova gramática da língua portuguesa



Fonte: <<http://www.putsgriolo.com.br/humor/nova-gramatica-propaganda-do-dicionario-aurelio/>>
Acesso em: 05 out. 2018

Na primeira Figura 4, associada à pomada de assaduras, tem-se a figura de um peixe chamado pacu, que facilmente pode ter seu nome associado ao ânus. Aqui tem-se não a produção de um incômodo ou de uma vulgaridade, mas sim de um gracejo, no trocadilho apresentado “não é pacu frito, é pacu assado”, por ser um trocadilho feito a partir de uma propaganda publicitária de uma pomada para assaduras, a graça se encontra no fato de que se sabe que a pomada não é destinada para o peixe pacu, pois ele é um alimento, que pode ser consumido frito, ou assado, agora a pomada é destinada somente a ânus (cu) assado.

Na segunda Figura 5, tem-se um trocadilho com o novo acordo ortográfico - em vigor no Brasil desde 2008 - a partir do qual o trema perdeu seu uso nas palavras da língua portuguesa, com exceção dos nomes próprios e estrangeirismos. É válido deixar claro que esta não é uma propaganda oficial para o dicionário Aurélio. O humor nesta frase é produzido a partir da ambiguidade da palavra “trema”, que pode ser tanto o verbo “tremar”, quanto o sinal gráfico que caiu em desuso no português. Ao se ler esta sentença “Jamais trema em cima da linguiça”, o leitor pode interpretar a frase de forma maliciosa, considerando o significado do verbo e não do sinal, e interpretando “linguiça” como o órgão genital masculino.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estilística é um ramo da linguística, relativamente novo, que teve seu surgimento apenas nas primeiras décadas do século XX, dissociando-se da retórica e da literatura para se tornar um domínio de estudo dos fenômenos de usos da língua. Por ser um ramo tão novo dentro da linguística, muito há a ser aprofundado e teorizado, e esse é o caso da cacofonia. Um recurso da língua pouco estudado e até pouco tempo visto somente como um vício da língua.

A cacofonia ainda é um recurso muito pouco explorado dentro dos estudos linguísticos, por isso, buscou-se nesta pesquisa trazer à superfície essa figura esquecida pelos estudiosos e sua conseqüente desmistificação como um erro, possibilitando uma análise mais profunda dos motivos que levam ao seu uso e a intencionalidade proposta pelos sujeitos que o utilizam, podendo também explorar-se os contextos nos quais esse traço aparece e sua significação.

A partir dos exemplos analisados neste trabalho, é possível notar que o processo de formação de um cacófato acontece de forma proposital, a causar uma determinada impressão ao ouvinte ou leitor da produção escrita. Esta impressão, na maioria das vezes, intenta ser algo de baixo calão, vulgar, que pode ser rapidamente percebida pelo leitor, como em casos mais comuns conforme visto em “dako éh bom”, ou cacófatos que precisem de um pouco mais de atenção e algumas vezes de certa contextualização para serem compreendidos, como no caso de “O gato tico”, que tem sua cacofonia formada em “Tico Mia”.

Com base na pesquisa e do amplo uso do recurso, principalmente, em mídias digitais, que se pôde encontrar, é possível perceber que seu uso na língua, tanto escrita quanto falada, deixou ser carregado de tanto preconceito pelos estudos sobre a língua. O cacófato teve uma considerável mudança em sua função dentro da linguística, passando de vício a recurso estilístico, pela percepção da intencionalidade em seu uso, seja para produzir humor, ambigüidade, no uso de trocadilhos, paródias ou memes.

O domínio da língua por seus usuários permite que eles façam uso da língua a seu favor, de inúmeras maneiras, que brinquem com a língua, trabalhem com ela em busca de diferentes sentidos e resultados. Dentro da estilística linguística, o poder de tal domínio é muito evidente. O cacófato é um destes exemplos, um artifício da língua por muito tempo visto como um equívoco cometido por seus usuários, mas que, com

o aparecimento estudo científico da linguagem, passou a ser interpretado como usado propositalmente, a fim de produzir um sentido, ou passar uma mensagem específica, como se pode ver nos exemplos discutidos aqui, que têm em comum a produção de uma mensagem imoral ou indecente, que intenta causar algumas vezes humor, outras ambiguidades, ao leitor e/ou ouvinte.

Este novo entendimento que se obteve sobre a linguagem com o passar dos anos só foi possível à partir do estudo da língua, de sua gramática, história e uso, aí a importância da linguística e seu vasto campo de pesquisa, no qual muito há de ser estudado e teorizado, como o fenômeno do cacófato, que teve aqui uma introdutória exposição sobre seu papel e seu uso na língua contemporânea, muito diferente da forma como era visto tradicionalmente, sendo hoje considerado um recurso estilístico, mesmo que grande parte dos falantes da língua não tenha a consciência de que o uso que estão fazendo na língua possui um nome técnico.

REFERÊNCIAS

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/cacofonia>>. Acesso em: 15 set. 2018.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

_____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cacofonia/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

LISPECTOR, Clarisse. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 202 p.

MARTINS, NILCE SANT'ANNA. **Introdução à estilística**. 3 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000. 259 p.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Acento e ritmo**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

MOUNIN, Georges. *Clefs pour la linguistique*. Ed. Ver. E corrigida. Paris, Seghers, 1971 (**Introdução à Linguística**. Trad. de José Meireles. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1970.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: Análises Linguísticas de Piadas. Campinas - SP: Mercado de Letras, 1998. 152 p

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988. 218 p.

POSSENTI, Sírio. **Língua na mídia**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2009. 167 p.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica**: A retórica como crítica literária. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

REFERÊNCIAS CORPUS

BARRACO, T. Q. **Fogão Dako**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/tati-quebra-barraco/147076/>>. Acesso em: 20 jul. 2018

CAETANO, João; MANHOSO. **O gato tico**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/genival-lacerda/o-gato-tico.html>>. Acesso em: 28 set. 2018.

ESTRADA, Lobo da. **Sorria, só ria. Acalma, a alma. Se derrame, se der ame. Releve, se eleve. Respira, e não pira**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTczOTY3OA/>>. Acesso em: 27 out. 2018.

FALCÃO. **No Cume**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/falcao/81647/>>. Acesso em: 19 jun. 2018 - Falcão

FELIPE; FALCÃO. **Quem quer verdura**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/felipe-e-falcao/285277/>>. Acesso em: 07 out. 2018.

LOPES, Juvelino; TEODORO. **Ruela do Eno**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/teodoro-e-sampaio/roela-doendo.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

RÜSCHE, Ana. **Beba coca cola**. Disponível em: <<http://anarusche.com/decio/>> Acesso em: 15 out. 2018

ATUALMENTE, tua mente, atua ou mente. Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/atua%20ou%20mente>> Acesso em: 25 set. 2018

NOMES de duplo sentido. Disponível em: <<https://cestosemtido.blogspot.com/p/nomes-de-duplo-sentido.html>>. Acesso em: 13 maio 2018

NOVA Gramática: Propaganda do Dicionário Aurélio? Disponível em: <<http://www.putsgriilo.com.br/humor/nova-gramatica-propaganda-do-dicionario-aurelio/>> Acesso em: 05 out. 2018

GOSTA de Pacu? Sim, o pessoal da Hipoglós também. Disponível em: <<http://semtosquices.blogspot.com/2008/07/gosta-de-pacu-simo-pessoal-da-hipoglos.html>> Acesso em: 25 out. 2018